

Superfantasia

16 OUT 1997

Fábio Lucas *

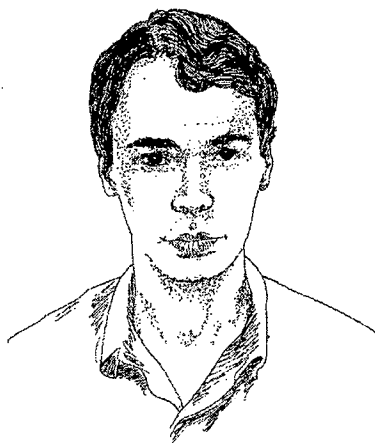
O cabo-de-guerra entre o governador Cristovam Buarque e a Câmara Distrital acerca dos supercondômínios diz pouco sobre Brasília para o resto do país. Mas o que sobressai, para os que não vivem aqui, é a péssima impressão de que a "ilha da fantasia", não satisfeita com o privilégio geográfico, quer mais distância e mais proteção das ameaças concretas do Brasil real.

Acrescente-se que diz pouco e diz mal, porque Brasília é muito mais do que essa tola disputa de poder. O espírito candango, que também está nas superquadras, olha com desgosto e repulsa para os representantes da soberania popular, que derubam o veto sem se aperceberem que podem estar passando por cima do voto que os colocou ali.

Colocando-se à parte a razão do governador nessa batalha em particular (que não vem a ser mais do que um lance de uma guerra maior), o que deve ser combatido na teimosia dos deputados distritais em aprovar tal

projeto não é a independência do poder legislativo, sua autonomia ou capacidade de apontar rumos para a capital. O que deve ser combatido neste projeto mora em sua filosofia - onde se pode enxergar a sombra da covardia de uma elite que não é daqui, mas seria representativa de qualquer cidade brasileira, e mais representativa ainda da divisão surda que existe, entre os que têm posses (e dentro delas, o medo), e os que não têm medo, nem nada.

Transformar a capital do país em uma réplica do bairro paulista de Alphaville, em que o aparato de segurança virou chamariz para a insegurança, reveste-se de um simbolismo



*Levantar quartéis
não é prevenir
a guerra, mas atraí-la,
por indução
do medo*

triste e perigoso. Murar Brasília - o que seria de fato a mera possibilidade de se murar as superquadras - significaria revelar ao mundo o pânico que nos divide, e até mesmo aumentá-lo em nós (ou despertá-lo onde sequer existe, daí o perigo) através de sua institucionalização.

E não haveria nada mais triste do que ver murada a capital dos brasileiros, a quarteando-se o sonho de uma cidade bem planejada por detrás

de uma aparente covardia que pareceria aos olhos de observadores externos apenas o reconhecimento de um erro, de uma falha irreversível, além de brutal ausência de confiança

nas garantias e na ação, ainda que profilática; do aparelho do Estado. Se na mais populosa cidade do país isso já é um mau indício, encravado na capital da maior nação da América Latina, o conceito expresso na vontade legítima dos distritais não é menos do que um aceno de derrota, a tradução da incapacidade coletiva.

A infeliz idéia dos supercondômínios baseia-se numa superfantasia, de que a segurança urbana pode ser alcançada através de medidas restritivas do acesso de ir e vir de cidadãos, talvez, menos iguais do que outros. Os parlamentares locais se esquecem de uma questão lógica e não pouco sutil: levantar quartéis não é prevenir a guerra, mas atraí-la, por indução do medo do protegido que se prepara para uma batalha diariamente, e pela atração de qualquer passante metamorfoseado em potencial invasor.

Baixem a guarda, senhores - há mais e melhor que ser feito pela capital do nosso país.